

Refrigerio

ISSN 2182-617X ANO 34
Número 179 - JAN/MAR 2021

3

**Departamento
Missionário**

6

**A Crucificação
de Jesus**

22

A Ressurreição



**As sete
palavras
da cruz**

Editorial

O Verbo, o Senhor Jesus entregou-Se para pagar o preço dos nossos pecados. Ele foi humilhado, julgado, torturado e finalmente crucificado. Enquanto padecia todo o sofrimento da cruz, Ele proferiu sete frases que são as conhecidas como “As Sete Palavras da Cruz de Cristo”, que foram as Suas palavras finais, preciosas e edificantes para todos os crentes, pois revelam todo o Seu amor, abnegação, soberania, a consumação de Sua obra redentora, a sua entrega total nas mãos do Pai eterno, e todo o sofrimento físico, emocional, e espiritual que Ele passou por nós.

Quando proferiu as Sete Palavras, o Senhor Jesus já estava crucificado. Até chegar esse momento, Ele foi traído, preso e julgado durante a madrugada. Ao amanhecer, Ele foi condenado, chicoteado, humilhado, crucificado e morreu por volta da hora nona (+/- 15h00). Antes de ser crucificado os soldados romanos colocaram uma coroa de espinhos na sua cabeça e fizeram-no carregar aquela Cruz pesada, que era nossa, através de um longo caminho até chegar ao Monte do Calvário (“Monte da Caveira”). Ali Ele foi pregado na Cruz, e levantado sobre o madeiro. Ele sangrava terrivelmente e padecia dores terríveis, lancinantes, quando proferiu essas Sete Palavras. Dores que não eram apenas físicas, mas principalmente dores espirituais, pois ali, sobre Ele, foram colocados todos os nossos pecados, e Ele pagou por cada um dos pecados de Seu povo.

O Verbo, eterno e que pela sua palavra criou de todas as coisas no princípio (Colossenses 1:16-17), é o mesmo que, na plenitude dos tempos, pendurado numa cruz, profere palavras de amor, perdão, cuidado, compromisso e justiça. Palavras fundamentais e preciosas porque não caíram no vazio, pois Ele morreu, foi sepultado mas... RESSUSCITOU! A Jesus toda a glória!

Duarte Casmarrinha

Índice

- 03** Grande alegria!
- 04** O desafio missionário dos “irmãos” Pós-Covid
- 06** A Crucificação de Jesus
- 08** “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”
- 10** “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso”
- 12** “Mulher, eis aí o teu filho”
“Eis aí tua mãe”
- 14** “Deus meu, Deus meu, porque me abandonaste?”
- 16** “Tenho sede”
- 18** Está consumado!
- 20** “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito
- 22** A Ressurreição
- 24** Departamento Missionário

Novos corpos sociais da CIIP

Foram eleitos no dia 30 de Janeiro de 2021 em assembleia geral realizada por zoom, os Corpos Sociais da CIIP para o biénio 2021-2022. Desejamos aos irmãos eleitos que o Senhor os abençoe.

Direção: Presidente - Pedro Costa (Ig. Águas Santas) Secretário - Vitor Brás (Ig. Gafanha da Nazaré) Tesoureiro - Pedro Veiga (Ig. Braga) Vogal - João Paulo Santos (Ig. Alvalade-Lisboa) Vogal - João Botelho (Ig. Zibreira da Fé)

Assembleia Geral: Presidente - Mário Santos (Ig. Algueirão) Secretário - César Barros (Ig. Castelo-Almada) Vogal - Paulo Pina Leite (Ig. Foz do Douro)

Conselho de contas: Presidente - André Lourenço (Ig. Zibreira da Fé) Relator - Pedro Martinho (Ig. Aveiro) Vogal - Eduardo Pinheiro (Ig. Vila Verde-Sintra)

Ficha técnica

Ano 34 Número 179 JAN/MAR 2021 ISSN 2182-617X | Periódico trimestral visando a informação e edificação do povo de Deus

Propriedade Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal CIIP | Internet: www.refrigerio.ciip.pt | e-mail: refrigerio@ciip.pt

As igrejas afiliadas na CIIP caracterizam-se por: serem igrejas locais autónomas, com uma convicção e tradição de liderança plural na comunidade, comunhão aberta sem distinção de origens denominacionais, ênfase na liberdade do Espírito Santo no culto e serviço, expectativa da segunda vinda iminente do Senhor Jesus em glória, e no exercício livre do ministério através dos dons e talentos em vez da profissionalização de cargos eclesiais.

Editor: Duarte Casmarrinha | Equipa Editorial: João Poças, Joel Costa, Joel Resende, Daniela Mateus, Priscila Lopo e João Silva | Design Gráfico e Paginação: João Silva | Revisão e Edição de Textos: Equipa Editorial | Endereço Jornal Refrigério: C.C. Primavera - Av. Calouste Gulbenkian, Lote 7 - Loja 26 - 3000-092 Coimbra - Portugal | E-mail: refrigerio@ciip.pt | Versão digital: www.refrigerio.ciip.pt | Impressão SIG: Sociedade Industrial Gráfica, Lda | Depósito legal: 21.402/88 | ISSN: 2182-617X impresso / 2182-6188 em linha | Tiragem: 1300 exemplares | Preço de cada exemplar: 2€ | Sustentado através de ofertas voluntárias.

Finanças: Agradecemos a todos os irmãos e igrejas que têm ajudado no sustento deste ministério. Envie a sua oferta para CIIP. Os cheques devem ser passados à ordem de CIIP. NIB: 0035 2145 0001 7614 9309 2 com a especificação do destino da oferta: para “Revista Refrigério”

©Copyrights - Autorizamos e incentivamos a divulgação, no todo ou em parte, dos estudos e artigos publicados, desde que a fonte seja citada. Os artigos assinados são da responsabilidade individual. Os artigos que não correspondam à linha doutrinária e informativa deste jornal, não serão publicados. À Comissão de Publicações do Dep. de Comunicações da CIIP assiste o direito de rejeitar publicidade que colida com as atividades das Assembleias de Irmãos.

Coord. Dep. De Comunicação: Jorge Oliveira | Cada número do Refrigério tem um custo, apoie este ministério com a sua oferta



**Paulo
d'Oliveira**

Ancião na Igreja Evangélica
em Guimarães

Departamento Missionário

Grande alegria!

Quando o cuidado e o carinho enchem o coração! - Filipenses 4.10-20

Distanciamento e isolamento foram palavras que marcaram o ano de 2020. Por questões de saúde e de prevenção, tivemos de experimentar algum tipo de distanciamento dos nossos familiares, amigos e colegas, entre outros. Outras razões, geográficas, por exemplo, obrigam pessoas que se amam e estimam, a ficarem distantes fisicamente. Contudo, laços fraternos mantêm a comunicação, o cuidado e a troca de lágrimas ou sorrisos. Neste mundo, que alguns definiram como aldeia global, a grande distância que existe entre muitas pessoas, reside no coração do homem, quando este se preocupa excessivamente consigo mesmo, com os seus interesses e bem-estar, descuidando o interesse no outro, no próximo. Distanciamento e isolamento, seja geográfico ou emocional, não são exclusivos do tempo presente. Nos primeiros tempos da igreja de Jesus Cristo, distâncias e afastamento já eram experimentadas pelos discípulos de Jesus. As causas, não muito diferentes das atuais, eram distâncias geográficas e emocionais, isolamento social (prisão), entre outras. Mas algumas igrejas do primeiro século, movidas pelo amor de Jesus Cristo, mais limitadas em alguns recursos que a igreja contemporânea, conseguiram contornar as distâncias geográficas e eliminaram a distância do coração. Na carta de Paulo aos filipenses encontramos um bom exemplo do cuidado e comunhão de uma igreja para com quem anuncia o evangelho. Quando Paulo escreve aos filipenses, fala de alegria catorze vezes. No capítulo quatro ele irrompe com a exclamação “Alegrei-me sobremaneira” (4.10; ARA). A razão de tal alegria, deve-se à visita de Epafrodito, enviado pela igreja de Filipos, para levar uma oferta ao apóstolo, preso possivelmente em Roma. De facto, uma das principais razões de Paulo escrever aos filipenses é mostrar a sua gratidão pela oferta enviada. Certamente, Paulo alegrou-se em ver Epafrodito, em receber notícias da igreja em Filipos e em receber a oferta. Contudo, a grande alegria que Paulo sente, deve-se ao florescimento (anathallō - renovastes, ARA) do cuidado que ele percebe que aquela igreja para com ele. Note-se que Paulo é cuidadoso nas suas palavras. A oferta que recebeu é importante, sem dúvida. Ela vai suprir, certamente, algumas necessidades do apóstolo. Mas o amor, o carinho, o cuidado, o interesse e a comunhão, não são satisfeitas pelo dinheiro. Paulo afirma que sabe estar contente com muito, ou com pouco, pois a sua suficiência está em Deus que o fortalece (4.11-13). Mas o cuidado (phroneō, 4.10), o associar-se (synkoinōneō, participar em alguma coisa com alguém; estar ligado com; partilhar, 4.14) com ele e com a proclamação do evangelho feita por ele, reduzem a distância (geográfica) entre ele e os filipenses. Reduz o isolamento do confinamento (prisão).

Reduz a sensação de estar só, como hoje sentem muitos missionários e obreiros que enfrentam diversas dificuldades no campo onde dedicadamente servem ao Senhor. Reduz a distância do coração. Esta exclamação paulina “Alegrei-me sobremaneira” está em contraste com os sentimentos produzidos pela falta de partilha e de participação (koinōneō) das outras igrejas quando ele partiu para a Macedónia (4.15). A construção das frases dos vv. 15-16 está feita de modo a ressaltar que nenhuma igreja se associou com Paulo, acerca de dar e receber a não ser a de Filipos.

A oferta entregue por Epafrodito supre as necessidades emocionais de Paulo (4.10) as necessidades materiais (4.18a), e é simultaneamente uma expressão de adoração e gratidão da igreja, não para com Paulo, mas para com Deus (4.18c). A expressão “aroma suave” é usada no VT quando depois do dilúvio, Noé oferece um sacrifício de gratidão a Deus. Um ato de adoração. É nessa dimensão que Paulo recebe a oferta dos filipenses; não um ato de dó; não uma generosidade comprometedora que o coloca em dívida para com a igreja de Filipos, mas como um ato de adoração daquela igreja para com Deus, que, na sua graça, através de alguém, fez chegar também o evangelho aos filipenses que agora respondem ao seu Salvador e Senhor com adoração e gratidão.

Tomemos como modelo a atitude saudável da igreja de Filipos. Amava Paulo. Tinha interesse no seu ministério. Cuidou dele no plano emocional e material mantendo uma atitude de adoração e gratidão a Deus, pela sua graça, amor e misericórdia. A oferta generosa (4.18a) foi para Paulo. A adoração, para Deus. E é de Deus que eles esperariam o suprimento necessário para as suas próprias vidas.

Cuidemos dos que estão no ministério. É digno do seu salário o trabalhador (Dt 24.15; Mt 10.10; Lc 10.7; 1Co 9.4)? É sim! Contribua generosamente, com gratidão e em atitude de adoração para que as necessidades dos trabalhadores sejam supridas. Ore. Peça notícias. Envolve-se a si e à sua igreja.

O Departamento Missionário da CIIP apoia financeiramente 25 famílias recomendadas para o ministério e divulga entre as igrejas o trabalho desenvolvido pelos missionários. As ofertas que recebemos são distribuídas seguindo um critério de avaliação que tem em conta as necessidades e situação de cada família. Temos a noção que o nosso esforço apenas supre uma pequena parte das necessidades. Neste momento, em média, enviamos menos de €70,00 a cada uma dessas famílias. É pouco! Muito pouco! Apoie-nos para que os nossos obreiros possam exclamar como Paulo: “Alegrei-me sobremaneira! Recebi tudo e tenho em abundância!” (4.10,18)

Departamento Missionário

O desafio missionário dos “irmãos” Pós-Covid

Ore
e contribua

Partilhe
na sua Igreja

Apoie
o Departamento
Missionário

NIB 0035 2145 00017614930 92

IBAN PT50 0035 2145 00017614930 92

Missão com esperança
Concerto de Natal

Ofertas ao Departamento Missionário
resultaram num total de 1060€

Para voltar a visualizar o concerto:
[https://www.youtube.com/
watch?v=XIHgdWZ3rnc](https://www.youtube.com/watch?v=XIHgdWZ3rnc)

Os obreiros e os missionários

Em Março, foi-nos proposto confinar. Todos pensávamos que eram 15 dias, ou um mês, foram várias semanas e vários meses. Meses de adaptação. O Estado apoiou empresas, empresários individuais, aulas em casa na televisão, mas os obreiros e os missionários?

Começaram uma aventura, o desafio do online, com a possibilidade de conectarem com cada irmão, vizinho ou familiar, numa plataforma que eles usassem, uns usavam o Facebook, outros o WhatsApp, as SMS, outros o Zoom. A resposta foi realmente encorajadora, mesmo para os menos entendidos em tecnologia, fomos capazes de conversar com as pessoas durante o processo e fazer "ligações de teste". Foi possível partilhar a fé, ouvir, orar, ler e estudar a Bíblia em conjunto.

Continuaram a servir, preparando pregações, motivando e encorajando irmãos pelas redes sociais e pelo telefone.

"Pelo que exortai-vos uns aos outros e edificaí-vos uns aos outros, como também o fazeis."

I Tessalonicenses 5:11

A liderança das comunidades

A igreja não podia parar. O espaço físico iria fechar, eram criadas limitações à comunhão física e presencial, e agora? Como iríamos reagir? Como nos adaptarmos, e como comunicar com todos os irmãos das nossas comunidades? E como pregaríamos o evangelho? As perguntas foram muitas, os pedidos de auxílio, socorro foram muitos.

Foram tempos e dias diferentes, onde as reuniões de anciãos foram feitas telefonicamente e algumas por plataformas online. O primeiro local de culto conhecido na Bíblia foi o jardim do Éden, o último será a nova Jerusalém, mas entretanto, já reunimos em casas, em caves, e agora reunimos em escolas, em templos, em casas de oração construídas para bênção de tantos, que estavam encerradas. Tivemos de abrir novas portas e ser criativos! Que bênção! Partilhámos palavras, partilhámos versículos com amigos e vizinhos. Em cada casa foi aberta uma casa de oração. Em cada casa lemos a Bíblia mais do que 1 dia por semana, foram horas de Zoom com estudos bíblicos, vídeos de youtube com louvor em conjunto, e ceia cada um nas suas casas. Que experiência divinal.

"Não to mandei eu? Esforça-te e tem bom ânimo; não pases, nem te espantes, porque o Senhor, teu Deus, é contigo, por onde quer que andares."

Josué 1:9

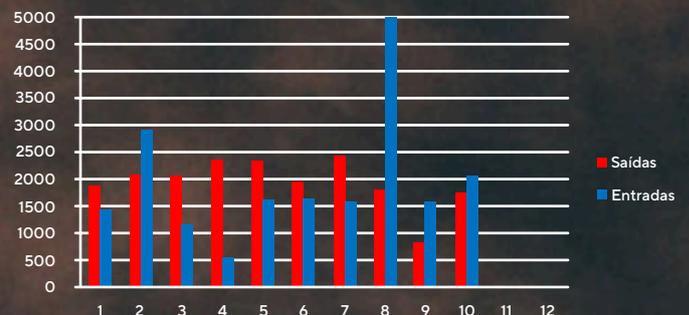
Os desafios que temos pela frente

O departamento missionário tem tido um desafio constante antes do COVID e durante o COVID, mas acreditamos que as missões, o apoio aos obreiros é fundamental para podermos crescer e caminhar na visão que Cristo nos tem dado, e na chamada de cada um para o seu serviço.

25 obreiros são apoiados pelo fundo missionário anualmente;

15 obreiros são apoiados mensalmente pelo fundo missionário;

2.000€ é o valor médio de ofertas enviadas pelo departamento missionário



Neste gráfico podemos observar a evolução do Fundo

"Esforçai-vos, e ele fortalecerá o vosso coração, vós todos os que esperais no Senhor."

Salmo 31:24



**Nuno
Carvalho**

Professor de História e
diácono na Ig Evangélica
em Rocha Nova

Dossier “As sete palavras da cruz”

A Crucificação de Jesus

Contexto histórico da Crucificação

O suplício da cruz era desconhecido na lei judaica. Só em castigo de crimes gravíssimos se ordenava a suspensão dos cadáveres num poste, e é com este significado de madeiro que a palavra “cruz” se encontra mais frequentemente na Vulgata (versão latina da Bíblia). A crucificação também era usada como medida punitiva por outros povos antigos: Egípcios, Persas, Fenícios e Cartagineses, Gregos e Romanos. Na Palestina, Alexandre Janeu, Rei da Judeia entre 103 e 76 a.C., aplicou esse castigo a cerca de 800 prisioneiros. Os Romanos reservavam a cruz para suplício de escravos, ladrões, sicários (assassinos pagos) e revoltosos, mas nas províncias do Império os prefeitos e governadores aplicavam-na com mais frequência, pois na Síria e na Judeia foram crucificados milhares de judeus. Era a crucificação, no dizer de Cícero, um suplício extremo, cruel e horroroso. O condenado vivia bastante tempo pendurado na cruz, às vezes dois dias. Estava nu, atado ou pregado pelos quatro membros ao madeiro. Todo o corpo, violentamente esticado, ficava suspenso pelas mãos, cujas chagas (previamente infligidas), se dilaceravam e se alargavam com o peso. Tornava-se dolorosa a simples respiração, a circulação do sangue acontecia de forma irregular, sobrevinha a sufocação. Devorado de

febre e sede, conservando consciência de si mesmo, o crucificado via-se morrer pouco a pouco. Às vezes era preciso provocar-lhes a morte, o carrasco quebrava-lhe as pernas. Os Romanos deixavam os cadáveres na cruz, para serem comidos pelas feras. A lei judaica exigia que os corpos crucificados fossem retirados e sepultados antes do pôr do Sol (Dent., XXI, 23).

As circunstâncias em que Jesus Cristo foi crucificado, encontram-se narradas nos Evangelhos. Os Judeus exigiram para Jesus, a pretexto de ser visto com um revoltoso, um suplício que não constava da sua lei. Deram-lhe dois ladrões por companheiros de castigo. Antes de pregar os condenados, era costume administrar-lhes uma bebida calmante: vinho aromatizado, misturado com incenso e mirra. Jesus recusou-a e suportou heroicamente todas as dores daquele martírio, que durou algumas horas, proferindo apenas palavras de misericórdia e de perdão. Sobreviveram-lhe os companheiros de suplício, pois foi preciso quebrar-lhes as pernas. Jesus já estava morto, quando um soldado romano lhe atravessou o peito com a lança¹.

A Visão de Deus Sobre a Cruz

O apóstolo Paulo dá-nos a perfeita noção de que a crucificação está acima de qualquer coisa para Deus Pai: “Deus o ofereceu como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo sangue, demonstrando a sua justiça. (...) no presente (...), a fim de ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus” – Romanos 3:23-26. Desta forma, para se certificar de que ninguém

questionaria a sua justiça, Cristo morreu para pagar a dívida por nós².

A obediência de Cristo como Cordeiro de Deus foi preciosa para o Pai, e como consequência esse amor tem de ser retribuído: “... como também Cristo nos amou e se entregou por nós como oferta de aroma agradável a Deus” – Efésios 5:2.

A crucificação já tinha sido acordada entre Deus Pai e Deus Filho, pois o objetivo principal era a remissão dos nossos pecados e esse peso foi colocado sobre Jesus, vejamos: “Contudo, foi da vontade do Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer, e, embora o Senhor tenha feito da vida dele uma oferta pela culpa, ele verá a sua prole e prolongará seus dias, e a vontade do Senhor prosperará em sua mão.” – Isaías 53:10. Ele tomaria o nosso castigo a fim de que pudéssemos ser absolvidos pelo Pai. O pecado seria apresentado como horrível que é, e Deus seria apresentado como Deus amoroso que é. Na cruz, a santidade inexorável colidiu com o amor³.

Existem muitos “cristos” nos dias de hoje, mas eles não possuem as marcas dos pregos. Temos professores e gurus que ensinam como ter uma vida “feliz”, “produtiva”, “cheia de sucesso”, “politicamente correta”, “alternativa”, etc. Ninguém conseguirá experimentar o favor eterno de Deus se se desviar da Cruz. Os profetas do Antigo Testamento apontaram para ela e os discípulos do Novo Testamento a proclamaram. A Cruz é o cerne da nossa mensagem e o coração do nosso poder para combater as trevas invasoras da modernidade⁴.

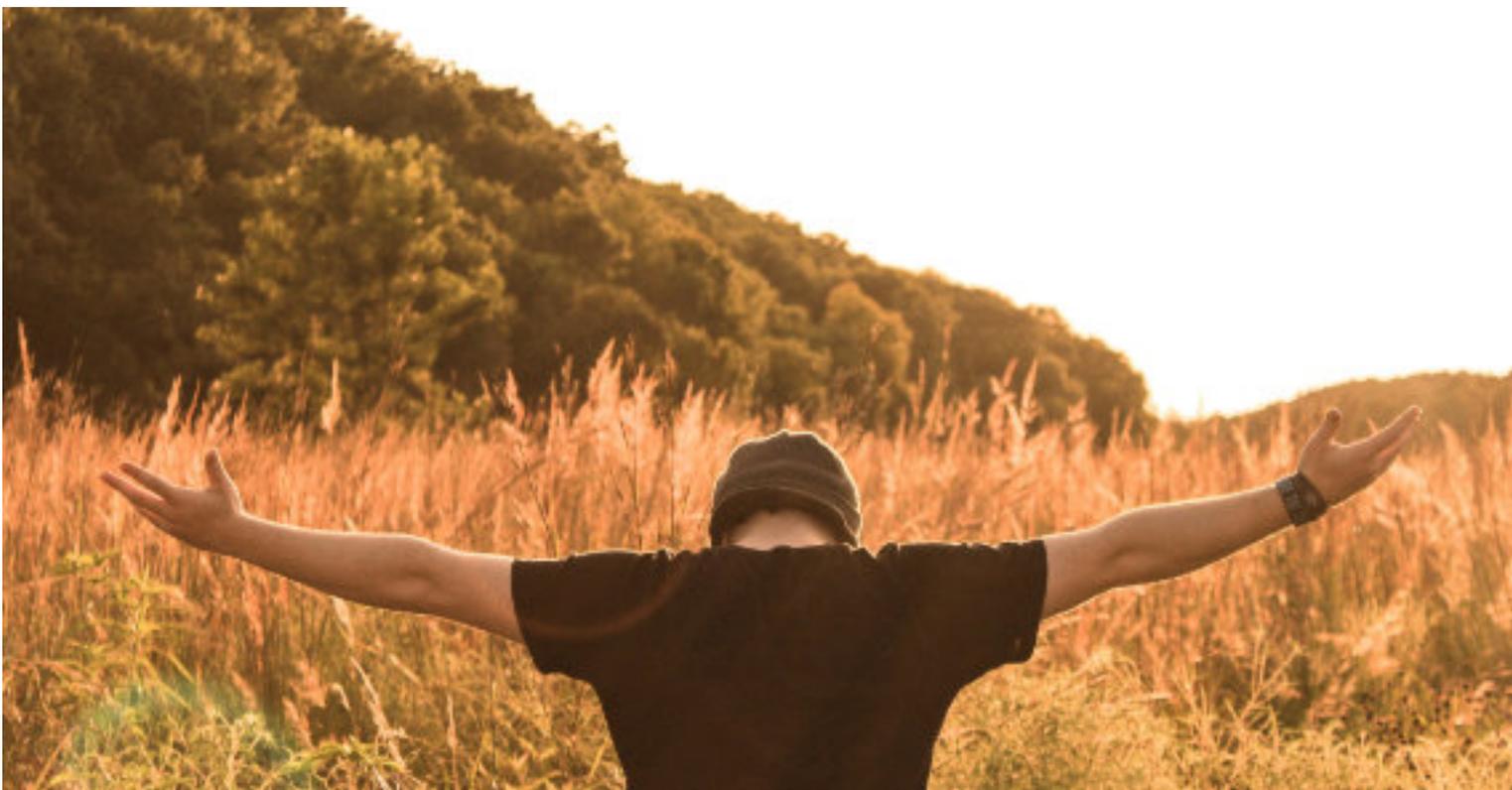
Bibliografia:

¹ Enciclopédia Luso-Brasileira (Adaptado e resumido).

² Lutzer, Erwin W., *Os brados da cruz: uma jornada no interior do coração de Jesus* – trad. Reis, James Monteiro, Ed. Vida, 2003, p.24.

³ *Ibidem*, p.26

⁴ *Ibidem*, p.28



Dossier “As sete palavras da cruz”

“Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”

Lucas 23:34

Celebramos há pouco tempo o Natal. Deus feito homem! Quando vemos o que está escrito em Isaías (por exemplo) sabemos que aquele menino que nasceu estava destinado a padecer pelos nossos pecados. Acompanhamos também a sua vida nos evangelhos e percebemos como foi uma figura disruptiva na sociedade daquele tempo e, desde o início do seu ministério, vemos que Jesus não foi acarinhado por todos de igual forma, antes pelo contrário, logo desde início vemos que o seu ministério caiu muito mal entre a liderança religiosa da época (fariseus e saduceus) e estes procuram logo enfrentá-lo e encontrar erros naquilo que dizia e fazia (em particular tudo o que se pudesse apresentar como um desrespeito à lei).

Seguímos os confrontos entre Jesus e a liderança religiosa em diálogos (mais “acesos” ou não) e parábolas (por exemplo) e são ainda uma grande fonte de aprendizagem hoje em dia.

Jesus era querido pelo povo (principalmente quando operava milagres) mas, indesejado pelas elites religiosas. É neste contexto que chega a Jerusalém onde o povo lhe faz uma fantástica e calorosa recepção.

No entanto, alguns dias mais tarde estava a ser preso, condenado a ser crucificado e vaiado

pelo povo (exactamente o mesmo povo que esteve com Ele, que foi alvo de milagres dEle e que o recebeu triunfalmente em Jerusalém - entre outras coisas).

Jesus foi humilhado, torturado e crucificado mas, pregado à cruz, disse: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”.

Podemos dividir esta frase em duas partes: a primeira é o pedido de perdão e a segunda é a justificação desse pedido.

Então, sobre a primeira parte, Jesus estava na cruz, já tinha sido insultado, injuriado, agredido e pregado nessa mesma cruz. Sabemos que tudo isso foi pela humanidade, pela vitória sobre o pecado mas, impressiona ainda mais que quem estava no acto de expiação dos pecados da humanidade ainda peça perdão por quem o estava a crucificar.

Verdadeiramente um amor que não pode ser medido e em prol de quem não merecia (e não merece). Nós que na nossa humanidade muitas vezes nos irritamos com injustiças, temos aqui o derradeiro exemplo de alguém que estava a ser injustamente punido em lugar de outros, a ser insultado por eles e ainda a pedir perdão. Não há palavras capazes de explicar devidamente este pedido de perdão por parte de Jesus.

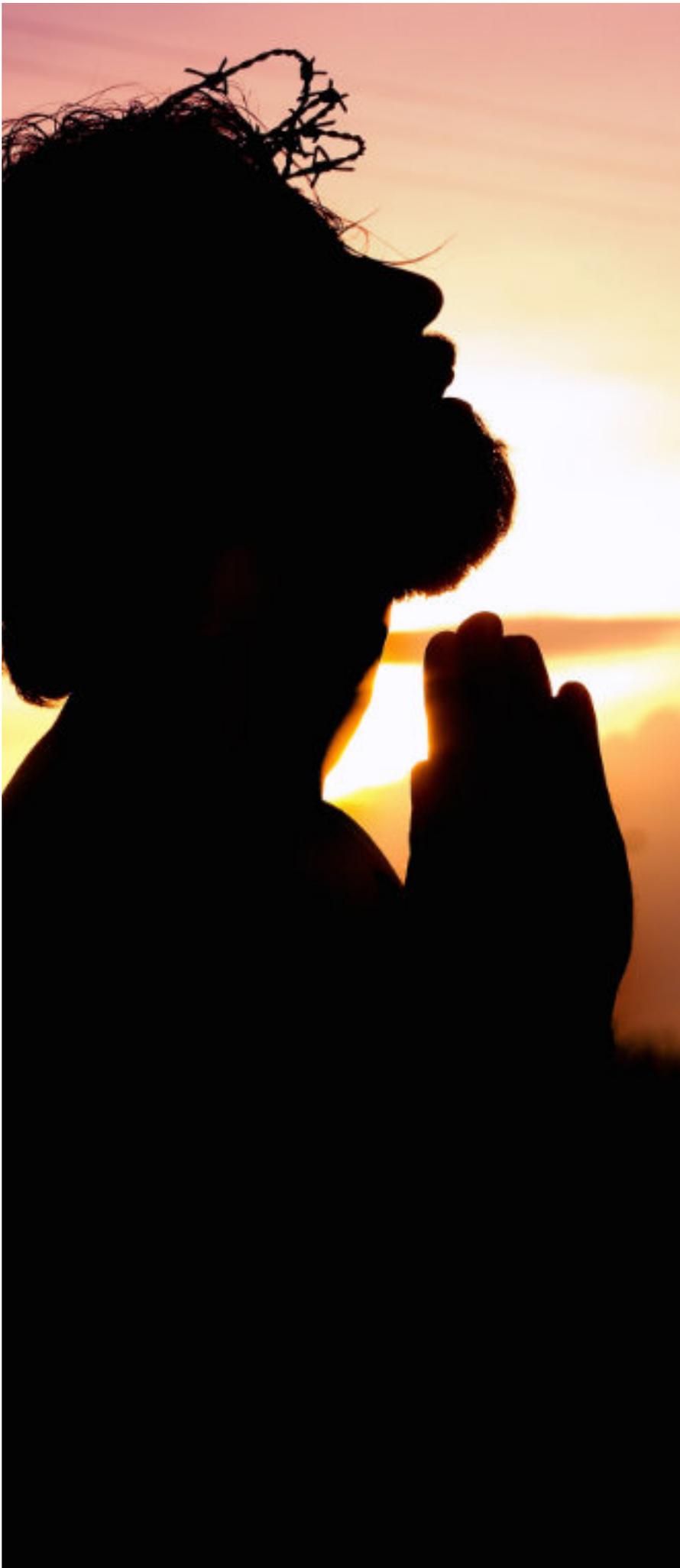
Na segunda parte, Jesus justifica o seu pedido



Pedro Silva

Membro da Igreja
Evangélica na Pampilhosa





de perdão porque os elementos daquela multidão “não sabem o que fazem”.

Como pai de uma criança de 4 anos, um dos desafios mais interessantes é o de aprender a lidar com a criança conforme ela vai crescendo. Como é próprio de qualquer criança, o meu filho fazia (e faz!) os seus disparates e então desde cedo que se formou na minha mente aquela frase “deixa lá, ele ainda é pequeno... ainda não sabe de outra forma”. Do processo de aprendizagem faz parte o erro (o tal disparate). Errar, ultrapassar o erro e aprender com ele é um dos processos mais valiosos que temos na vida - e espero/quero que o meu filho passe por isso no seu crescimento.

Assim, as coisas para as quais ele “ainda é pequeno” agora, já não são as mesmas que eram há dois anos. Já houve crescimento (em várias áreas, demasiado crescimento!) e agora já não “é pequeno” para tudo.

O povo estava ali muito satisfeito a assistir à crucificação de Jesus porque ainda era “pequeno”. Estava profetizado e o próprio Jesus disse que teria que padecer muito pelos pecados de todos mas, mesmo assim, verdadeiramente não sabiam o que estavam a fazer. A cabeça da serpente estava a ser esmagada ali naquele momento mas o povo apenas queria ver (e provocar) o sofrimento de Jesus.

A esta distância é muito simples condenar o que eles fizeram. Olhamos para toda a situação, entendemos que era algo necessário, mas ainda assim é muito tentador pensar que “no meio de toda aquela multidão o meu comportamento seria diferente”. Pedro disse que nunca abandonaria Jesus e todos sabemos como isso correu...

Tenho dúvidas que na mesma situação não fôssemos ter o mesmo comportamento mas, será que vivemos de acordo com o que ali aconteceu? Podemos hoje pegar nas nossas Bíblias em total liberdade (pelo menos por enquanto...) e ler o que Jesus fez e o que o povo lhe fez. Conseguimos ter o panorama completo, toda a história e toda a motivação por detrás do sacrifício de Jesus.

Diante de tudo isto, será que vivemos de uma forma que honra o sacrifício de quem, inocente, ainda pediu que fosse perdoado o que lhe estava a ser feito?

O povo em frente a Jesus podia não saber o que fazia porque ainda era “pequeno”, quanto a nós creio que já perdemos essa desculpa. Já crescemos, já passamos por essa fase e agora devemos viver uma vida que honre o que Jesus fez por cada um de nós naquela cruz.

Que O saibamos buscar continuamente para que Ele em nós possa viver e se agradar de como vivemos.

Dossier “As sete palavras da cruz”

“Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso”

Lucas 23:42-43



Tiago Lourenço

Membro da Igreja Evangélica em Sangalhos

As manchetes dos jornais soam impactantes e, por vezes, são exageradas tendo como principal intuito cativar a atenção do leitor.

“O Santo de Deus entrega a Sua vida ao lado de dois pecadores” parece um título exagerado de uma notícia sensacionalista, no entanto, é um título sem exageros porque **o que de facto vemos no calvário é Deus a chamar a atenção de todos nós**. Partilho então, três manchetes baseadas nesta segunda frase de Jesus na cruz, tendo como contexto a atitude do ladrão.

1. Ladrões crucificados, 50% arrependem-se

Na Igreja onde me reúno, existe um quadro enorme onde predominam montes, vales e o céu a espalhar a luz do sol. Mas existe um pequeno espaço no cimo de um monte onde se encontram três cruzes, uma cruz vermelha no centro, uma branca à esquerda e uma escura à direita. Tal como no quadro, no calvário vemos Deus chamar a atenção para a grande divisão na Humanidade, aqueles que são salvos e os que não são.

Ambos os ladrões estavam nas mesmas condições, justamente condenados, culpados e em sofrimento, no entanto, um é alcançado pela graça de Deus e o outro não. Um zomba de Deus. O outro, embora comece por zombar (Mt.27:44) acaba por ser alcançado pela graça divina, muda de atitude e reconhece não só o seu estado de pecador, mas também a crueldade

do que está a acontecer a Cristo.

De facto, somos todos “roubadores de Deus” pois, embora não roubemos o nosso próximo, usamos muitas vezes os talentos, as capacidades e os atributos que Deus nos dá, para usá-los contra aquilo que Deus quer. Não vale a pena então olhar para os ladrões na cruz de cima para baixo, na verdade, eles estão ao mesmo nível do que escreve e dos que leem este texto. O milagre acontece quando a graça de Deus alcança um deles, o mesmo milagre que pode alcançar a todo aquele que reconhece o seu estado e Cristo como o único Resgatador desse estado.

Deus chama-nos à atenção pois também nós só podemos estar num dos lados, nos “50% salvos” ou nos “50% condenados”. Era bom que as percentagens servissem para representar a quantidade de salvos, no entanto, são poucos os que entram pela porta estreita (Mt.7:13-14).

2. Culpado a vida toda é perdoado minutos antes de morrer

Parece injusto ao coração humano este resultado, no entanto, preciso de considerar alguns pontos antes de fazer uso da minha justiça própria.

- Aquele homem “bateu no fundo do poço”. A vida tinha chegado ao fim, o que fez de mal ao longo da vida já não podia alterar nem corrigir, já não havia tempo para boas obras nem possibilidade de sair daquela



cruz vivo.

- Aquele homem tinha consciência do seu estado. Ele sabia que era Deus aquele a quem tinha de prestar contas (Lucas 23:40) e também não se desculpa nem tenta atenuar nada, muito pelo contrário, ele reconhece a sua culpa e a justiça na sua condenação.
- Aquele homem olhou para Cristo com fé. Enquanto os religiosos zombavam e muitos discípulos viam as suas expectativas frustradas, este ladrão olha para Cristo e vê um rei, um rei que entretanto vai entrar no seu reino, sendo também, a sua única esperança de salvação.
- Aquele homem foi salvo pela graça de Deus. Não havia qualquer hipótese deste homem trabalhar em prol da sua salvação, nem antes da cruz nem depois, é por isso que a sua salvação tem todo o mérito na pessoa de Cristo, o Rei que afirmava recebê-lo no paraíso.
- Aquele homem foi salvo naquele momento. Não houve ali um processo de salvação que terminou na cruz ou que ficou parcialmente completo. "Hoje", naquele mesmo dia Jesus iria estar com ele no paraíso, uma promessa que é feita com a força da expressão "na verdade, na verdade..."

A questão aqui não é, portanto, se eu acho justo ou não, porque de facto ninguém merece

ser salvo. Em Cristo a justiça divina foi satisfeita. Estou eu verdadeiramente arrependido e buscando a Cristo como aquele homem?

3. Condenado injustamente cumpre pena até ao fim e morre enquanto salva companheiro

Vivemos dias em que parece que há mais direitos que obrigações, até na Igreja começa a haver mais orações de reivindicações e declarações do que orações humildes e simples como a deste ladrão.

A graça de Deus alcança grandes e pequenos mas, quando salva, faz com que eu me sinta como realmente sou, pequeno, com uma grande montanha de pecado; mas a enorme graça de Deus o limpa sem deixar vestígios.

Numa altura de tanto sofrimento, dores e lágrimas, Cristo não se dedica somente a aguentar as cargas espiritual e física que estavam sobre Ele. Até na cruz, Cristo não manda lançar fora aquele que vem a Ele (Mt.6:37) como este ladrão. Se Cristo fosse um salvador arrogante não teria paciência para um rebelde como eu.

É com humildade e simplicidade que se gera este diálogo entre Jesus e o ladrão. Notem como o ladrão apenas pediu ao Senhor para se lembrar dele no Seu reino. Na verdade, Cristo deu-lhe mais do que ele pediu ou pensou e muito mais do que mereceu, Cristo concedeu-lhe a salvação.



Dossier “As sete palavras da cruz”

“Mulher, eis aí o teu filho” “Eis aí tua mãe”

João 19:26-27



**Samuel
Oliveira**

Ancião da Igreja Evangélica
em Pardilhó

Jesus está na cruz, suspenso entre a terra e o céu, crucificado, em pleno sacrifício de si mesmo, abandonado pelos homens (mesmo pelos seus amigos) e debaixo da ira de Deus, em sofrimento atroz. Jesus está na cruz voluntariamente, não foi um acidente, ele está a cumprir a vontade do Pai; Jesus nasceu para viver este dia, este momento; Jesus nasceu para morrer, e morrer por nós!

Jesus está na cruz, e é na cruz que, entre outras palavras, diz também: “Mulher, eis aí o teu filho.” e “Eis aí tua mãe.” (João 19:26-27)

O que estas palavras não querem dizer:

A tradição católica romana sugere que João estaria ali em representação de todos os crentes (da Igreja) e que Maria lhe é dada por Jesus como cuidadora, protetora e mãe - não só sua, mas de todos quantos ele supostamente representaria ali. Obviamente, não é este o sentido das palavras de Cristo, nem é o que efetivamente acontece naquele momento. Pelo contrário, não é Maria quem é chamada a olhar e cuidar de João, é João quem é chamado a olhar por Maria. Como de resto aconteceu de imediato através da

obediência pronta do apóstolo às palavras do seu Senhor; assim revela o texto bíblico quando, no final do verso 27, diz: “E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa.”

O que estas palavras querem dizer:

1. Estas palavras revelam o profundo respeito e amor de Jesus para com Maria.

Jesus está crucificado, em sofrimento atroz; poderia focar toda a atenção em si e na sua dor agonizante, mas nem assim deixa de olhar para as necessidades do outro, no caso, as necessidades de Maria: ela não ficaria desprotegida e só! Qualquer um de nós em seu lugar não teria disponibilidade para pensar além de si mesmo, além das suas dores e necessidades. Mas Jesus, o Deus feito homem, feito carne, mesmo em tão grande sofrimento, não esquece a humanidade frágil de Maria.

Jesus está naquela cruz, pelo sacrifício de si mesmo, a executar a salvação das nossas almas; esse trabalho é algo que requer todo o seu corpo, sangue, forças, alma e espírito - todo o seu ser! Mas ainda assim, teve disponibilidade para pensar nas necessidades futuras de Maria.

Do mesmo modo, podemos tu e eu, encontrar no Salvador, vida para a alma e, também juntamente com esse tesouro imensurável, o suprimento de todos os cuidados terrenos, presentes e futuros. Por vezes somos tentados a pensar que só as necessidades espirituais são supridas pelo Salvador, no entanto este texto nos lembra que aquele que não esqueceu as necessidades físicas de Maria, também não esquece as nossas!

2. João, o discípulo a quem Jesus amava, o único dos 12 que não o abandonara e que ali estava, junto à cruz, recebe a tarefa de olhar por Maria e cuidar dela como mãe, algo que pode ser entendido não só como uma grande responsabilidade, mas também como um grande privilégio.

A responsabilidade e o privilégio de continuar o trabalho de Jesus, sendo não só um receptor de seu amor e entrega em carne, mas também, e seguindo o seu exemplo, um veículo para que esse amor chegue a outros, os sirva e os supra também. Amor para Jesus é sacrifício, e sacrifício completo: a entrega de corpo, forças, disposição, tempo, alma - tudo! E é com esse amor que ele convoca, não só João a cuidar de Maria, como cada um de nós a olhar por aqueles que entre nós

estão em situações de fragilidade e dependência (começando pelas nossas famílias da fé e da carne).

Este amor fraternal, prático, cheio de ações e não somente intencional, foi notório na gênese da Igreja e continuou como uma preocupação presente em todos os escritos do apóstolo João.

Jesus, que não se esquece das nossas necessidades físicas e fragilidade humana, quer que não nos esqueçamos também das necessidades dos outros. E quando nos supre, fá-lo para que, usados por ele, possamos também chegar a outros, amando com o amor com que fomos amados.

Em suma:

Não é Maria que é forte e que cuidará de João (e da Igreja), é antes na dependência e fragilidade de Maria que somos lembrados que:

- Jesus não se esquece das nossas necessidades físicas, como não esqueceu as de Maria.

- Jesus não quer que nos esqueçamos das necessidades dos outros e, como convocou João, nos convoca a nós para esta missão de serviço amoroso ao outro.

Hoje somos como João, amanhã seremos como Maria, mas nunca seremos esquecidos por Jesus!



Dossier “As sete palavras da cruz”

“Deus meu, Deus meu, porque me abandonaste?”

João 19:26-27

Foi-me pedido para escrever sobre uma das frases, das últimas palavras de Jesus na cruz do calvário e então pesquisei e baseei esta importante reflexão nos seguintes servos do Senhor: Daniel Conegero, Dennis Allan e na revista *Tabletalk*; usado com permissão de *Ligonier.org*. Dr. Joel R. Beeke. Dou assim o crédito a eles e para a glória do Senhor.

Na cruz do Calvário Jesus estava a ser o Cordeiro de Deus e o Sumo Sacerdote da expiação eterna do pecado de toda a Humanidade. Isso significa que Jesus Cristo estava a receber sobre si todo o peso do pecado da Humanidade na generalidade e na especificidade (meu e teu pecado no passado, no presente e no futuro) da ira da justiça de Deus. Ao meio-dia, Jesus esteve na cruz durante três horas repletas de dor e de sofrimento. De repente, a escuridão caiu sobre o Calvário e “sobre toda a terra” O grande e perfeito Sumo Sacerdote entra no Santo dos Santos do Gólgota, abandonado por todos na cruz durante as suas três horas finais, suportando algo que desafia a nossa imaginação.

Jesus estava a cumprir todas as tipologias que apontam para Jesus Cristo e todas as profecias das Escrituras. A dura e sofridora frase de Jesus traduz o original que é também a primeira estrofe do Salmo 22. Nesse salmo messiânico o

salmista profetiza sobre o sofrimento do Messias. Ele escreve: *“Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste? Por que estás tão longe de salvar-me, tão longe dos meus gritos de angústia?”* (Salmos 22:1).

Jesus, plenamente Deus e plenamente homem, morreu por TODOS aqueles que mereciam a morte (eu e tu que estás a ler este texto). Aquele que jamais pecou, se fez pecado para redimir TODA a Humanidade (2 Coríntios 5:21). Foi um grito sofredor, mostrando toda a profundidade do sofrimento que Jesus suportou ali no nosso lugar. Deus Pai abandonou Deus Filho porque naquele momento estava a ser feito pecado, e o pecado implica a separação de Deus.

A Bíblia diz que a santidade de Deus é tão GRANDE que os Seus olhos não podem contemplar a iniquidade (Habacuque 1:13). Isso explica o difícil e doloroso abandono divino; que é muito mais difícil de ser suportado do que o abandono humano.

A genuína declaração divina suportando o horror da ira do juízo de Deus sobre o pecado de toda a Humanidade; suportando a terrível maldição merecida pelo nosso pecado. O Deus Filho estava assim a ser abandonado pelo Pai; naquele duro momento para que os redimidos pelo sangue imaculado de Jesus pudessem ter comunhão com Deus por toda a eternidade.



Miguel Castro

Obreiro e Ancião da Igreja Evangélica em Fafe

Durante a crucificação de Jesus, houve um período de três horas de escuridão. Não foi um eclipse solar, uma vez que a morte de Jesus aconteceu durante a fase da Lua Cheia (conforme a contagem dos dias para a Páscoa dos judeus), e eclipses solares acontecem quando a Lua está posicionada entre o Sol e a Terra, um fenômeno da Lua Nova. Muito mais do que um fenômeno astronômico, o período das trevas durante a crucificação representa o clímax histórico e bíblico da vitória da luz sobre as trevas.

No final desse doloroso momento, Jesus levantou a voz com um doloroso grito de profundo significado: **"Eli, Eli, lamá sabactâni? O que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"** (Mateus 27:46). As pessoas que estavam próximas da cruz não entenderam as Suas palavras e pensavam que Jesus estava a chamar por Elias para salvá-lo. Mas as palavras de Jesus vieram diretamente de um dos mais ricos salmos messiânicos. O rei David escreveu as palavras que bem descreveriam o sofrimento do Ungido do Senhor na cruz. Essas difíceis e dolorosas palavras, saindo da boca de Jesus, reforçam o nosso entendimento da gravidade do nosso pecado, e aumentam a nossa gratidão pelo precioso sacrifício que ele fez por nós.

Desde o primeiro pecado humano no Jardim do Éden, o vínculo entre o pecado e a morte é enfatizado nas Escrituras, isto é desde Genesis a Apocalipse. Há três grandes verdades muito importantes que precisam ser partilhas sobre o verdadeiro significado da Páscoa, que não são amêndoas, ovos, chocolate e coelhos.

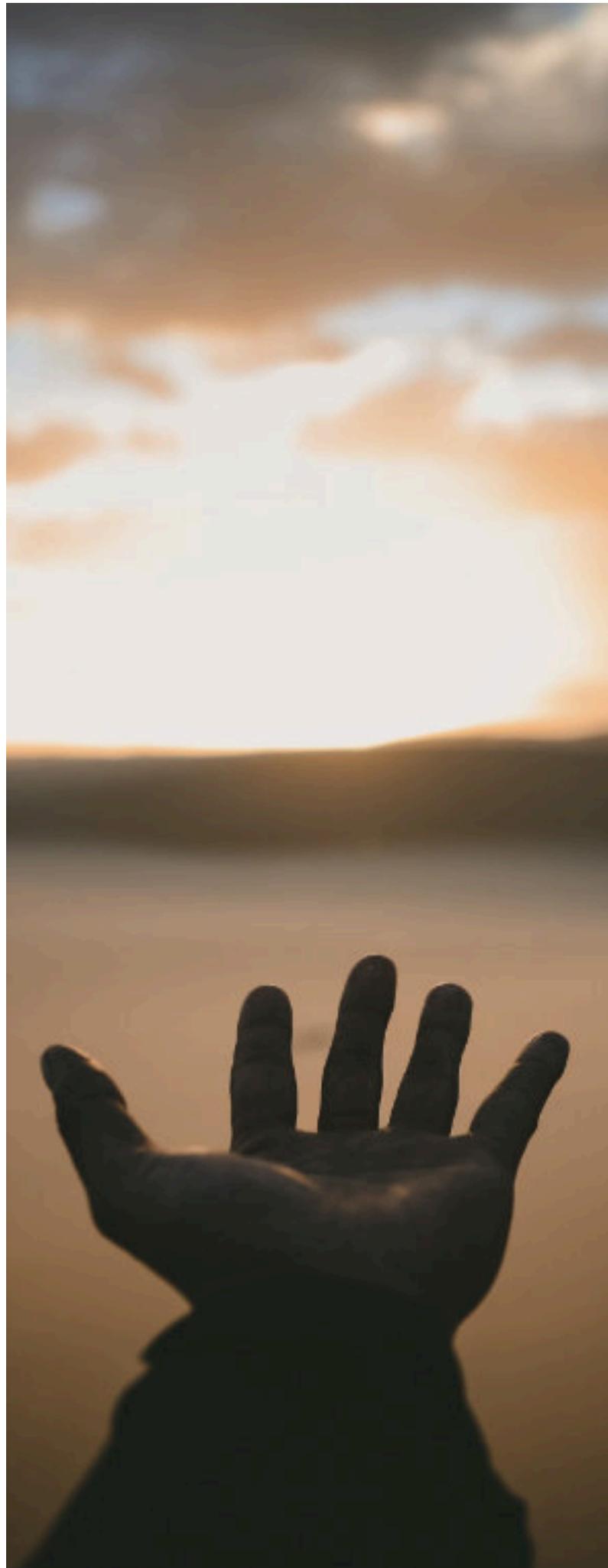
1) A morte de animais como sacrifício expiatório provisório servia como tipologia para mostrar a consequência do pecado, mas não resolve o problema. Os primeiros animais mortos foram os sacrificados para fazer roupas para cobrir a vergonha do pecado de Adão e Eva (Gênesis 3:21). Depois disso, muitos outros foram sacrificados como pagamento da penalidade dos pecados dos homens, porém não foram adequados para resgatar os pecadores, **"porque é impossível que o sangue de touros e bodes remova pecados"** (Hebreus 10:4).

2) O próprio pecador poderia morrer por seus pecados, mas não teria condições de se resgatar, ou seja, de se livrar da morte, pois está escrito: **"A alma que pecar, essa morrerá"** (Ezequiel 18:20).

3) A consequência do pecado não é apenas a morte física e sim, a morte espiritual, ou seja, a separação de Deus. Por isso, Deus disse que os pecados causam a separação entre a Humanidade e Deus (Isaias 59:1-2). Jesus disse que é esta separação espiritual, e não a morte física, que precisa ser evitada (Mateus 10:28).

Para terminar, porque Deus Pai abandonou o Deus Filho, algo que nunca tinha acontecido antes, ao executar Justiça perfeita no SE único Filho (Isaias 53.10)? Cristo foi feito pecado por nós, naquele exato e doloroso momento: **"Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus."**(2 Corintios 5.21).

Jesus como nosso PERFEITO substituto, a ira de Deus ficou satisfeita e Deus JUSTO pode assim justificar TODOS aqueles que confiam em Jesus (Romanos 3.26). Isto explica as horas de escuridão e o grito de abandono. Quão estupendo é o amor de Deus! Verdadeiramente, nossos corações transbordam tanto de amor que nós respondemos: **"Nós amamos porque ele nos amou primeiro"** (1 João 4.19).



Dossier “As sete palavras da cruz”

“Tenho sede”

João 19:26-27



Pedro Costa

Ancião da Igreja Evangélica
em Águas Santas

Das sete palavras de Cristo na cruz, esta «Tenho sede» é talvez a mais enigmática que levanta várias questões e especulações.

Como teve sede? Se no início do seu ministério provou algo de extrema dificuldade, estando 40 dias sem comer e beber? E agora, em comparação, ele na noite anterior ceou, tomou do cálice e bebeu, pouco tempo tinha passado.

Como também nessa ceia anunciou que não beberia mais do fruto da vide, sendo que no dia seguinte bebeu na cruz vinagre, não viria o vinagre também da videira?

Não foi Jesus que disse à mulher samaritana: “Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede”?

E que afirmou: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba”?

Mas vamos às escrituras buscar as respostas.

Ao lermos o texto, ele é claro; “Depois, vendo Jesus que tudo já estava consumado, para se cumprir a Escritura, disse: Tenho sede!” João 19:28

Jesus disse que tinha sede não por um desejo físico, mas para cumprir a Escritura.

Ele veio para fazer a vontade do Pai; Ele veio para cumprir toda e cada profecia que havia sido dada sobre a sua vida e crucificação. “Porque eu descí do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou”. João 6:38

Evidente na sua oração durante a madrugada: “Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres” Mat 26:39

Na cruz Ele sofreu tremendamente; dores agonizantes, teve feridas dos açoites e dos espinhos em Sua cabeça, os cravos nas mãos, fazem possivelmente com que Ele sofra de uma sede incandescente. Mas no texto indica que não é por isso que Ele diz: «Tenho sede».

Na cruz, como em toda a Sua vida, Jesus sempre fez a vontade de Deus. Apesar do intenso sofrimento, está escrito «Tenho sede» porque as Sagradas Escrituras o anunciaram com antecedência:

“Secou-se o meu vigor, como um caco de barro, e a língua se me apegou ao céu da boca...”, e “... na minha sede me deram a beber vinagre” (Sl 22.15; 69.21).

Ele teve que cumprir a Escritura. A quinta palavra de Cristo na cruz, mais do que qualquer outra, revela também a Sua humanidade, e lembra-nos essa necessidade física, muito humana “dá-me de beber”(Jo 4.7). Outras passagens nos evangelhos e nas epístolas dizem que Ele teve fome (Mt 4.2), cansou-se (Jo 4.6), e “foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança” (Hb 4.15). É muito importante pensar em tudo isto, porque a plena humanidade de Jesus é uma doutrina bíblica, e tão importante quanto a da Sua plena divindade.

Ao suportar o pecado da humanidade fez-se maldito, se fez pecado por nós; para que nEle, fôssemos feitos justiça de Deus. derramou a Sua alma na morte, levando sobre Si o pecado de muitos.

Jesus padeceu por nós, para nos salvar do inferno. Teve sede na cruz para nos livrar da sede no inferno. Na parábola do Rico e do Lázaro, o rico, “no inferno... clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama” (Lc 16.23-24)

Jesus ressuscitou e agora é o Senhor glorificado que sacia agora os seus. Fazendo cumprir o que dizia à mulher Samaritana e quando afirmou que era a fonte de “água viva”.

Ele é a rocha batida da qual brota a água espiritual de que precisamos todos os dias enquanto atravessamos o deserto deste mundo. Somente Ele possui e dá a água da vida que tira a sede para sempre (João 4:11,14).

Quanto ao beber o fruto da vide, Jesus falou a respeito da comunhão no Reino dos céus onde juntos beberemos o Vinho Novo!

Remetendo para a Sua vinda, altura que o Noivo (Jesus) e a Noiva (Igreja) a celebrarão: as bodas do Cordeiro, altura onde receberemos a Vida Eterna e celebraremos a vitória sobre a morte em Cristo, pois se cumprirá estas profecias descritas no livro de Apocalipse; serão cumpridas, como todas as anteriores o foram:

«A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida» (Apocalipse 21:6)

«E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida» (Apocalipse 22:17)

Para os que aceitaram beber desta água, lemos: “Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede. Não os afligirá o sol, nem qualquer calor abrasador, pois o Cordeiro que está no centro do trono será o seu Pastor; ele os guiará às fontes de água viva. E Deus enxugará dos seus olhos toda lágrima (Ap 7.16,17)”.

Não é de admirar que possamos ler no último convite que aparece na Bíblia: “O Espírito e a noiva dizem: ‘Vem!’ E todo aquele que ouvir diga: ‘Vem!’ Quem tiver sede, venha; e quem quiser, beba de graça água da vida” (Ap 22.17). Os que se achegam ao que um dia teve sede, jamais voltarão a sentir sede.

Conheça Cristo sedento na cruz e sua alma jamais tornará a sentir sede.

Aceite este desafio!





Dossier “As sete palavras da cruz”

Está consumado!

João 19:30

Jesus veio com um propósito. A sua missão estava definida desde a eternidade. As dificuldades que encontrou foram muitas. Logo no início do seu Evangelho, João diz-nos que Ele, a vida e luz dos homens, veio a um mundo em trevas, mas não foi compreendido. Chegou ao mundo que Ele criou, mas não foi reconhecido. Veio aos seus, e estes não O receberam. (João.1:1-11). Ao longo da sua vida foram muitos os momentos em que teve de confrontar-se com a dureza da missão e com tentações descaradas e às vezes subtis de soluções mais fáceis para atingir aparentemente o mesmo fim.

Vemo-lo num dia de festa, um casamento, rodeado de amigos e familiares. Um momento improvável para um teste. A sua mãe aproxima-se e segreda-lhe: “O vinho acabou”. Com alguma dureza Jesus responde: “Mulher, que tenho eu contigo? A minha hora ainda não é chegada!” Mas quando, seguramente movido por pena aos noivos, transformou água em

vinho, lemos que os seus discípulos creram nele.

Mais tarde, desviou-se do caminho habitual para se sentar na beira de um poço, na hora do calor mais duro, para se encontrar com alguém que precisava de ajuda. Conversou longamente com esta mulher samaritana, até que ela sai correndo de volta à cidade, chamando a todos e dizendo: “**Vinde, vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito: porventura não é este o Cristo?**” E muitos mais creram nele por causa da sua palavra.

Quando um dia Jesus ensinava uma grande multidão, compadeceu-se deles e tomando alguns pães e peixes alimentou a todos até que ficassem satisfeitos. Entre a multidão ouvia-se: “**Este é evidentemente o profeta que havia de vir ao mundo**”. E queriam fazê-lo rei. Quando no dia seguinte Jesus viu que ainda o seguiam disse-lhes: “**Não me buscais pelos sinais que vistes, mas porque comestes e vos saciastes.**” E muitos viraram costas e O abandonaram.



Hélder Nuno

Ancião na Igreja Evangélica em Aveiro



A notícia chegou deixando todos constrangidos. Um dos melhores amigos de Jesus tinha morrido. Lázaro estava morto. Jesus comoveu-se. Chorou. Mas quando se pôs diante do sepulcro onde o morto jazia há 4 dias e o chamou pelo nome, Lázaro saiu. Muitos creram nele.

A novidade espalhou-se como fogo em terra seca, e quando Jesus chega a Jerusalém uma semana antes da Páscoa, é recebido por uma multidão em êxtase, gritando e dançando nas ruas, trazendo folhas de palmeira e aclamando: **"Bendito o rei de Israel, que vem em nome do Senhor"**.

Na mente de todos ecoava uma certeza: **MISSÃO CUMPRIDA!** Na de todos, menos na de Jesus. Nada fazia prever que menos de uma semana depois Jesus se deixaria prender sem motivo, se submetesse a um julgamento ilegal, com acusações falsas, suportasse os castigos, o chicote, os murros, as cuspidelas, os insultos, as blasfêmias, tomasse uma cruz que não era sua, e estivesse agora ali, no topo do Calvário suspenso entre o céu e a terra, desfigurado pela dor dos cravos e do chicote, e da ira do Pai.

Teria sido fácil para Jesus levantar multidões atrás de si. Era Ele que podia satisfazer todas as necessidades, falar ao mais profundo da alma, extinguir a fome no mundo, curar todas as doenças e até ressuscitar os mortos. Ninguém lhe resistiria. Mas não foram esses problemas que Ele veio primariamente resolver, mas um mais grave do que estes: O PECADO.

Jesus disse: **"Eu descí do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E a vontade do Pai que me enviou é esta: que nenhum se perca. Que todo aquele que vê o Filho, e creê nele, tenha a vida eterna"** (Jo.6:38-40)

Quando muitos já desciam o monte cabisbaixos e derrotados, pensado que tudo estava acabado, Jesus há quase 6 horas na cruz, reúne as suas forças, e solta um brado que ressoa. O que Ele disse era improvável, estranho, e contra tudo o que se podia esperar:

ESTÁ CONSUMADO! Este não foi um queixume derrotista nem um lamento. Não foi um: **"está tudo acabado"**, nem **"é o fim"**, ou **"não posso mais"**. Das 7 vezes que Jesus falou na cruz, apenas em duas ocasiões ele **"clamou com alta voz"**. Um destes gritos foi de desespero e abandono: **"Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"** O outro foi de absoluto triunfo: **"Está consumado!"**

Os dois momentos decisivos: o suportar do castigo e a vitória! Estava tudo feito. A missão foi levada até ao fim. Não era preciso acrescentar mais nada. Todas as profecias a respeito do Messias estavam cumpridas. Está consumado. Todo o trabalho que o Pai lhe deu a fazer estava feito. Está consumado. A expiação pelos pecados realizada. Está consumado. A possibilidade de perdão eterno. Está consumado. O poder do pecado anulado. Está consumado. A morte vencida. Está consumado. Satanás derrotado para sempre. Está consumado. A vida eterna. Está consumado.

Muitos séculos antes, Isaías, o profeta, escreveu a respeito do Cristo: **"Quando a sua alma se puser por expiação do pecado, verá a sua posteridade, prolongará os dias; e o bom prazer do Senhor prosperará na sua mão. O trabalho da sua alma verá, e ficará satisfeito; com o seu conhecimento o meu servo, o justo, justificará a muitos; porque as iniquidades deles levará sobre si"**. (Is.53:10-12)

Imagino Jesus exausto, no limite das suas forças. A separação do Pai era dor insuportável. E o castigo. Os cravos. Os insultos. A incompreensão. Mas perto do fim Ele ergue o seu olhar e vê mais além, onde só Ele podia ver. São muitas caras. De todas as tribos, povos, línguas e nações. Tantas que são uma multidão. Tantas que ninguém pode contá-las. Mas Ele conhece a todos pelo nome. Vê-me também a mim. E a ti. E ficou satisfeito.

E no limite daquilo que podia suportar, ergue-se sobre os cravos e solta o brado final: **ESTÁ CONSUMADO!**

Dossier “As sete palavras da cruz”

“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”

Lucas 23:46



Samuel Ferreira

Obreiro na Igreja Evangélica em Lousã

Jesus tinha passado as últimas horas a ser torturado pelos soldados romanos e tinha enfrentado a maior humilhação e desprezo por parte dos seus conterrâneos, os judeus. Jesus tinha até sentido o desamparo do seu Deus e Pai (Mateus 27:46; Marcos.15:34).

Mas ao contrário de muitas pessoas, que por muito menos se sentem deprimidas e até revoltadas contra Deus, Jesus, ao caminhar para o lugar da crucificação, com o corpo cheio de feridas, a sangrar, com a cruz às costas, com uma multidão a ver o espetáculo e a ridicularizá-lo, não foca em si e no seu sofrimento, mas age com misericórdia (Lucas. 23:28, 34 e 43). Jesus está focado na missão que lhe foi confiada pelo Pai. A nós, que somos filhos de Deus, também nos foi confiada uma missão: ser testemunhas de Jesus (Atos.1:8), viver em amor na comunidade dos cristãos (João 16:35) e revelar o fruto do Espírito nos nossos pensamentos, palavras e atitudes (Gálatas 5:16,22).

Agora, Jesus está diante da sua morte física e clama com grande voz: **“Pai nas tuas mãos entrego o meu espírito”**. Esta é uma frase forte da qual já se tem falado muito, e da qual quero apenas destacar três aspetos.

I. Jesus mantinha uma grande intimidade com o Pai.

Uma coisa que se destaca nos evangelhos é o tempo que Jesus passou em oração. Antes de escolher os doze apóstolos de entre os discípulos e antes de enfrentar a cruz, Jesus

passou a noite a orar. Ele afirmou: **“Eu e o Pai somos um”** (João 10:30), **“Quem me vê a mim vê o Pai”** (João 14:9). É esta intimidade que leva Jesus, mesmo depois de se ter sentido abandonado pelo Pai, a clamar a Ele na hora da morte. Jesus conhecia o carácter amoroso e misericordioso do Pai. Jesus sabia, que embora o Pai aparentemente o tivesse abandonado ao vê-lo carregado com os nossos pecados, não o abandonaria para sempre. O Pai era o único em quem ele podia confiar naquela hora. Por isso, nesse momento, Ele clama ao Pai.

Quando passamos tempo com o Senhor e conhecemos o seu carácter santo e amoroso, sabemos que mesmo nas maiores dificuldades, Ele nunca nos abandona, que somos amados. Por isso, as dificuldades não nos levam a criar revolta contra Deus, mas sim a recorrer a Ele. É nesses momentos que as palavras de Pedro se tornam muito nossas **“para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna”** (João 6:68).

II. Jesus tinha uma noção clara de quem era e da sua missão.

Talvez uma das razões de grande parte dos conflitos entre as pessoas e até entre os crentes seja a falta de uma noção correta de quem somos e da missão que Deus nos tem confiado.

Jesus sabia quem era, o que estava a enfrentar e o porquê daquele sofrimento. Ele sabia que tinha vindo não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos (Marcos 10:45). Mas ele também sabia

que era Deus. Talvez esta seja a verdade, acerca de si, que ele mais tentou passar aos seus ouvintes e a mais difícil de aceitar, mesmo ainda hoje: **Jesus é Deus.**

Embora Ele nos tenha servido por amor, nunca foi ou será o nosso servo. Ele é o Senhor, Ele é o criador e sustentador do universo (Colossenses 1:16).

Agora, Ele está na cruz e uma vez mais mostra o quanto é diferente de nós. Enquanto Estevão, diante da morte iminente, clama: **“Senhor Jesus recebe o meu espírito”** (Atos 7:59), Jesus diz: **“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”** (a palavra entrego significa entregar à guarda de).

Ao contrário do ser humano, que não tem poder sobre a sua vida, Jesus disse: **“Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém me tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai.”** (João 10:17-18)

Como Deus, Jesus tinha poder sobre a sua vida, mas mesmo assim Ele a entregou voluntariamente, por amor de nós.

Quando percebemos que não somos o topo da pirâmide, mas seres que estavam perdidos, que fomos comprados por um enorme preço, para sermos possessão exclusiva de Deus, que estamos neste mundo onde reina a injustiça, o sofrimento e a morte, por vontade do Pai, para sermos aperfeiçoados e para testemunharmos do amor de Jesus pela nossa vivência, então passamos a procurar crescer pelo serviço (Marcos. 10:42-44). O mais importante deixa de ser o prazer do momento, o reconhecimento por parte dos homens ou a consideração que os outros têm por nós e passa a ser o sermos achados fiéis ao nosso

Senhor, (1 Coríntios 4:4) mesmo que isso leve à morte (Apocalipse 2:10).

III. Jesus possuía uma confiança inabalável no Pai.

Como Deus, Jesus tinha poder sobre a sua vida, porém ele entrega esse poder nas mãos do Pai. **“Pai nas tuas mãos entrego o meu espírito”.**

Jesus colocou-se totalmente nas mãos do Pai, confiando no seu poder e amor. É verdade que Jesus nunca tinha passado por esta experiência. É verdade que tudo o que Jesus estava a passar era voluntário, porém, era um ato de obediência ao Pai. Notamos, no entanto, que em Jesus não existiu nem uma duvidazinha ou desconfiançazinha em relação ao Pai – nem quanto ao seu poder, nem quanto às suas intenções. Jesus confiou plenamente no Pai e o Pai honrou essa confiança ressuscitando Jesus ao terceiro dia (Atos 4:10, 5:30, 10:40 e 13:30) e assentando-o à sua direita (Hebreus 1:3; 2:9). Com este ato de confiança Jesus não perdeu nada, pelo contrário, a sua glória foi aumentada.

À semelhança de Jesus, nós também somos chamados a confiar plenamente nas promessas de Deus (Lucas 18:29-30; Mateus 6:4, 6, 20; João 14:2-3...), mesmo que essas promessas sejam invisíveis e a grande distância (Lucas.14:12-14).

Em conclusão, podemos ver que embora Jesus estivesse em grande sofrimento, ele não perdeu o seu autocontrolo e o seu foco. Ele foi vitorioso até ao fim porque Ele tinha intimidade com o Pai, sabia quem era, qual era a sua missão e confiava plenamente naquele que lhe tinha confiado essa missão. Que o Senhor nos ajude a confiar assim também no Pai!



A Ressurreição



**Normando
Fontoura**

Ancião na Igreja Evangélica
em Senhora da Hora

Nenhum evento afectou e transformou mais significativamente a história humana do que a vitória eterna do Filho de Deus sobre a morte. *“Era impossível que a morte O retivesse”* – proclamou o apóstolo Pedro.

O pior e último inimigo do homem também afectara o Verbo encarnado (feito homem), conseguindo derrubar a Sua natureza humana, levando-O dessa forma a assumir por vontade própria uma plena identificação com a nossa espécie. Só que, ao contrário dos deuses gregos, o Deus encarnado homem - Jesus - não era um ser humano divinizado, mas um ser divino humanizado. Daí a impossibilidade de a essência/natureza divina morrer. O seu corpo expirou no madeiro, mas a Sua vida não se extinguiu: aguardou apenas 3 dias para novamente se manifestar em corpo físico, visível, de uma materialidade ainda não compreendida, mas incontestável. Foi essa metamorfose “improvável” que confundiu os filósofos atenienses desejosos de alcançar uma explicação para o transcendente e que também perturbou seriamente a manipulação das autoridades judaicas quando se deram conta que o túmulo estava de facto e definitivamente vazio.

Importância no Mundo Espiritual

Tal como a morte sacrificial e expiatória do Salvador Yeshua (salvação) criou expectativa no mundo das hostes espirituais da maldade – os milhões de anjos (demónios) que seguiram a Lúcifer na sua rebelião contra o Senhor Deus - dando-lhes uma ilusão de uma aparente vitória resultante da visão de um corpo inerte no madeiro, a Sua saída do túmulo arrasou por completo as milenares pretensões de Satanás de conseguir vencer o Filho de Deus, ao pretender reduzi-l’O à qualidade de um mero ser humano tão mortal e falho como os demais.



Mesmo ferido no calcanhar pelo veneno da serpente, o Filho de Deus havia para sempre vencido o domínio do inimigo de Deus sobre toda a raça humana, desferindo-lhe um golpe mortal ao sair vitorioso da prisão da morte. Os abalos e convulsões no mundo espiritual das trevas resultantes da suprema vitória de Jesus sobre “o último inimigo” ainda hoje se fazem sentir através da constante e feroz inimizade à proclamação do Evangelho e ao avanço do mesmo. Satanás jamais admitirá a sua derrota, pelo que tudo fará para influenciar a humanidade no sentido de desacreditar a ressurreição do Messias. Até hoje os judeus religiosos não acreditam na ressurreição do Nazareno, e um número crescente de teólogos liberais também a põem em causa.

Importância no Mundo Material

A ressurreição do Messias Jesus foi física, mas tão improvável na mente dos Seus seguidores incrédulos, que Ele fez questão de comer diante deles, ser tocado por Tomé e presenciado por centenas de seguidores.

A Sua ascensão também foi visível, dando a entender que é em carne que Ele Se manifestou e Se manifestará no Seu retorno – “**como para o céu o vistes ir.**” O mundo físico amaldiçoado aguarda a restauração, a libertação da opressão a que tem sido sujeito pela transgressão do homem. Tal como a salvação afecta a libertação interior – espiritual – do homem, a restauração física do planeta só será possível pela intervenção física do Cristo ressurrecto, o Qual reinará fisicamente em Jerusalém, garantindo o bem-estar físico e a prosperidade de toda a humanidade e de toda a criação então resgatada da maldição.

Um Cristo morto nada poderia restaurar. O Filho de Deus ressurrecto em poder e glória é a garantia de que o estado das coisas não será sempre o mesmo. Toda a terra será abençoada com a Sua presença física, não na qualidade de Messias sofredor, mas na de Rei e Senhor sobre tudo e sobre todos.

Importância na Igreja

A ressurreição de Cristo constitui uma das mais poderosas afirmações da Igreja, sendo de facto o cerne da pregação apostólica. Se assim não fosse, tudo seria em vão, até a nossa própria fé.

A realidade evidenciada por tantas provas inconfundíveis é, de facto, um dos dois principais pilares da fé cristã, sem a qual a Igreja não passaria de um mero sistema religioso. Ressurreição é o princípio da vida divina no homem, inicialmente espiritual, mas um dia também integral. Assim como Ele vive, “**cremos que também com Ele viveremos**”. Daí que estas Boas Novas sejam a mensagem que traz esperança no meio do caos e da mortalidade. Elas são o anúncio da transmissão de vida consequente do poder da ressurreição de Cristo. A Igreja parte o pão e bebe o vinho “**em memória**” do Cordeiro de Deus imolado pelas nossas transgressões, mas também anuncia a vitória da ressurreição. Daí que os chamados “cultos de Ceia do Senhor” não deveriam ser momentos mórbidos mais condizentes com um velório, mas celebrações de alegria, exaltação e de adoração d’Aquele que foi morto, mas venceu, e vive para todo o sempre!

Importância no Cristão

A crença na ressurreição levou Abraão a cometer o quase-sacrifício do seu amado filho. A certeza desse estado futuro produziu no atribulado Job um consolo no meio de tanto sofrimento. A garantia da vitória de Cristo permite que o cristão enfrente todo e qualquer desafio, até a própria morte, sabendo que ela não será o decreto final, apenas a transição para o estado eterno de felicidade e descanso na presença do Criador. Por isso S.Paulo afirmava: “**para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho**”. Um Cristo apenas morto conseguiria o perdão dos meus pecados, mas nada mais. Um Cristo ressurrecto é a garantia de que eu e tu viveremos eternamente com Deus!

Missionários e obreiros

apoiados pelo Departamento

Missionário CIIP

Norte

Paulo e Ana Oliveira | Guimarães

Miguel e Dália Castro | Fafe

Normando e Graça Fontoura | Porto

Paulo Pina Leite | Foz, Porto

Vitória Alves | Gulpilhares, Gaia

Alberto e Marta Batata | São João da Madeira

Centro

Pedro e Susana Lopes | Gafanha da Nazaré - Aveiro

Manuel Ribeiro | Sangalhos

Jónatas e Débora Duarte | Silveiro - Aveiro

Duarte e Elisabete Casmarrinha | Coimbra

Carlos Cunha e Lídia Carvalho | Coimbra

Diana Brás | Rocha Nova

Samuel e Irene Ferreira | Lousã

Carlos e Ana Freitas | Eiras

Sul

Jorge e Orquídea Adrião | Lisboa

Nuno e Marta Fonseca | Vialonga - Lisboa

Henrique e Dhruty Meggi | Boas Novas - Lisboa

Agostinho e Leta Farinha | Sintra

Eduardo Fidalgo | Sintra

Celina Figueiredo | Almada

António e Maria Adelina Dias | Almada

Missões Transculturais

Chris e Maria do Carmo Hemborough | Beira - Moçambique

Jorge e Alice Pratas | Maputo - Moçambique

Lucas e Diana Monteiro | Brasil

Samuel Ferreira | Austrália

Participa

e envolve-te

nesta equipa

de obreiros

<http://missoes.pt>